

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

UM OUTRO OLHAR SOBRE PAULO FREIRE: EROS E FEMINILIDADE

Maria Amelia Gomes de Souza Reis¹

Aproximações

*Ninguém nasce feito: é experimentando-nos
no mundo que nós nos fazemos.*

(Freire, 1993:79)

Em tempo de tanta incerteza e desesperança, em que modelos econômicos entram em crise, em que sistemas políticos, sindicais e movimentos populares vêm abalados os seus velhos (bem atuais) alicerces, torna-se difícil, senão impossível, ao homem garantir sua inteireza: suas crenças, seus valores, seus anseios e desejos, seus limites. É neste cenário de final de século que se faz importante lembrar Paulo Freire e seus convites: ao diálogo, à esperança, à mobilização, ao amor e prazer de ensinar e aprender.

Num tempo em que o Mal é o grande tema, em que a violência, o medo e o desamparo são ingredientes constantes do nosso cotidiano e em que a corrupção se tornou lugar-comum em nosso dia-a-dia, o educador Paulo Freire, militante e político, vem resgatar, através da memória de sua trajetória de vida presente em suas obras, escritos e entrevistas, o sentido da conscientização e da práxis coletiva enquanto teoria do conhecimento e a sua metodologia como filosofia de educação.

¹ Professora Assistente da Escola de Educação – UNIRIO, Doutoranda em Educação – UFF. Membro do Conselho Estadual de Educação,

O reencontro com o mestre da esperança, nesta comunicação, se dará através de *um outro olhar* a seu pensamento e sua obra. Revisitando, em sua trajetória, os pressupostos políticos norteadores de suas práticas, sonhos e escritos, procurarei o sentido daquilo que, no homem Paulo Freire, se explicita em *Eros e Feminilidade*, refletindo, ainda que brevemente, sobre as relações que se potencializam entre educação, construção do conhecimento e movimentos de libertação.

Ao considerar o caráter pedagógico de uma práxis explicitada da maneira como nosso homenageado veio se fazendo educador, e como tal, se fez sujeito de um processo em que o discurso da prática é profundamente coerente com a prática do discurso, ficam indagações que nós, professores, teimamos fazer, uns aos outros e colocar a si mesmos. Como praticar a justiça nas relações pedagógicas? O que fazer para bem ensinar, tornando mais eficaz, por ser mais político, o processo educativo? Como ensinar e aprender a partir de uma visão de homem que é integral, político, com sentimentos e emoções?

Certamente, também essas eram indagações que se fazia Paulo Freire em suas imersões aos mais longínquos lugares, cá entre nós e alhures, levando ao povo a necessidade da conquista da palavra e da escrita, criando ações pedagógicas humanizantes (não só humanistas) que se incorporassem a uma pedagogia da revolução. Ao contrário de muitos que denunciavam de seus gabinetes de estudos a dominação e as opressões, Paulo Freire caminhou de um sentimento difuso de solidariedade para com os oprimidos rumo ao conhecimento concreto de suas condições materiais de vida e trabalho, suas idéias, seus saberes. Interrogando a vida marginalizada dos milhões de brasileiros no nordeste que

viviam a cultura do silêncio,² mostrou a todos os obstáculos significativos que se levantam quando o conhecimento e as relações sociais são tratados como um problema de submissão aos interesses dominantes.

Paixão, compromisso e prática à altura dos sonhos

Brinquei tanto de professor na adolescência que, ao dar as primeiras aulas (...) não me era fácil distinguir o professor do imaginário do professor do mundo real. E era feliz em ambos os mundos. Feliz quando puramente sonhava dando aulas e feliz quando, de fato, ensinava.

(Freire, 1993)

Há algo nessas palavras que, em termos mais gerais, traduzem sentimentos como paixão entre as pessoas e um viver apaixonado, questões que têm a ver com liberdade, ética e uma estética da existência, explicitadas continuamente em suas obras e refletidas em seu compromisso original com o direito/dever de se construir uma sociedade capaz de edificar as pessoas, conduzindo-as à crítica profunda e a superação de suas dificuldades.

Paulo Freire, por onde andou, muito conheceu, muito revisitou, muito recolheu, muito amou e muito bendisse seus fazeres. Seu olhar solidário, carregado de emoção e prazer de viver, por ser feliz com o que realizava e por fazer os outros felizes, capturou poesia e

² Cultura do silêncio – expressão cunhada por Paulo Freire para designar todos aqueles, seus compatriotas nordestinos, que ainda na década de 60 eram analfabetos. Dizia, *é preciso dar-lhes a palavra* para que transitem para a participação na construção de um Brasil, dono de seu destino, capaz de superar o colonialismo.

sensibilidade que muito contribuíram, em sua trajetória política, na busca pelo conhecimento partilhado com o outro.

Emoção, amor, prazer, paixão, partilha... são palavras que exprimem sentimentos que se ligam ao *Eros, vontade intensa, força vital e desejo*. É a partir desse *Eros* que entramos na linguagem, construindo-nos enquanto seres incompletos, onde a falta é núcleo do desejo, na medida em que nos conhecemos tocando e sendo tocados e afetados por outros.

Tudo em nós, em nosso *Eros* primal, começa muito cedo. Inicia-se quando começamos a aprender a viver, pois aprendemos a viver aprendendo a amar. Ao menos no começo da vida, a urgência que busca satisfação e o desejo de prazer é a primeira referência do conhecimento. Visto assim, o *Eros* e a sexualidade que a partir dele se expressa é a primeira condição ou força para a aprendizagem, ou seja, sem *Eros*, sem sexualidade, sem prazer, não haveria o desejo de aprender ou ensinar.

A urgência que a sexualidade e o *Eros* nos apontam é feita pelo desejo de tocar e ser tocado, afetar e ser afetado pelo outro, por pessoas, idéias pelo viver, enfim. É nessa urgência que nos torna suscetíveis - nos momentos em que a satisfação não pode ser obtida e os significados se perdem, passando a imperar os mal-estares no mundo - que nos surgem os sentimentos do desamparo e da dor, como sugere Freud em seus trabalhos.

Nosso *Eros* original é, sempre, elaborado/reelaborado ao longo de nossas vidas e sua matéria-prima são as nossas idéias e o ideário circundante, o envolvimento com as pessoas, as curiosidades, as explorações, bem como ter prazer e tempo para sonhar, pensar e

imaginar. A educação, que começa na busca da satisfação de nossas urgências e desejos imediatos, postos em diálogo com idéias, desejos e vontades de outras pessoas, movimentar-se entre o aprender a amar e o amar o aprender. E é o *Eros* que dá o tom da curiosidade que leva ao conhecimento e ao desejo de aprender, por que não dizer, também desejo/vontade/prazer de ensinar, pois, como se sabe, quem ensina também aprende.

Assim, o *Eros/sexualidade* é central e nuclear aos movimentos de subjetivação que nos fazem tornar cidadãos e cidadãs na criação/recriação de um eu (nós) capaz de construir as condições propícias às defesas, às lutas e às conquistas, sentindo de forma apaixonada a realidade que nos envolve e aos outros, a partir das experiências de aprender a amar e de fazer dessa aprendizagem do amar o amor por aprender. Processo que se constitui e se constrói nos múltiplos e minúsculos movimentos dos cotidianos da vida e das vivências culturais e políticas que Paulo Freire, mais que ninguém, soube aproveitar.

O desenvolvimento do *Eros* exige, também, condições básicas para o corpo: alimento, vestuário e habitação adequada, experiências do amor dos outros, experiências do amor de si, questões que o sistema capitalista tratou de marginalizar, e que constituíram para Paulo Freire constante objeto de preocupação e pertinente problematização, na busca por linhas de fuga a partir dos pontos de recusa; dos lugares do outro em suas diferenças, autonomia e alteridade; dos espaços do possível, do necessário, do improvável e do inusitado, como elementos capazes de conduzir – alunos, professores e a população inteira –, revolucionariamente, a abandonar as lógicas que condenam ao mesmismo e às cooptações diversas.

Essas condições são também da educação, e este homem, que tão bem soube auscultar as dores dos oprimidos, emprestando sua voz e suas lutas na denúncia da pedagogia burguesa do colonizador (a pedagogia bancária), revelando com sua força seu próprio *Eros* posto em função da liberdade, trouxe-nos a idéia de que sua necessidade de libertação deve transformar-se em luta coletiva: *ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.*

Feminilidade e ética: maneiras de construir uma aposta no futuro

Trabalhando pelos oprimidos, descobriu que deveria trabalhar com eles, afixando a escuta daquilo que diziam e faziam, vencendo cotidianamente suas perplexidades, sem perder de vista a necessidade de instrumentalizar os oprimidos para as lutas. Aqui o outro elo que me propus colocar à vida, à obra e à história de Paulo Freire. Se, pela dinâmica erótica, o sujeito busca a completude, exigindo uma nova leitura do amor e da ética, criando uma estética³ diferente para a existência, em Paulo Freire refletindo-se em sua prática educacional, surge a idéia da feminilidade no pressuposto do desamparo, da inquietude pela certeza da incompletude e finitude, como condição originária da vontade de perseguir os objetivos imediatos em um devir próximo conectada ao desejo ardente de mudanças criativas e urgentes.

³ Ao me referir à estética da existência, recordo que Foucault admirava a compreensão de ética adotada entre os gregos (especialmente os estóicos) que residia em **fazer de sua vida uma obra de arte**. É nesse sentido que a proposta de uma estética da existência – formulada a partir da concepção da vida como forma de arte – expressa uma dimensão política que se apresenta para o autor da História da sexualidade como tarefa de pensar em termos não dialéticos, apenas, o seu próprio tempo (como dialéctica não acabada)

A feminilidade, como fenômeno percebido por Freud em seu percurso final, não se identifica com o pensado correlato feminino. Ela é entendida como a forma crucial de ser do sujeito, pois sem a miragem da certeza fálica a fragilidade e a incompletude humana se tornam as formas de ser primordiais dos sujeitos.

Feminilidade, incompletude e desamparo... faces da mesma moeda, pois, enquanto a primeira se enuncia na linguagem do erotismo, as duas outras se formulam na dimensão da ética e da estética. A feminilidade revela o que existe de erógeno no desamparo e na incompletude, é sua face positiva e criativa, ou seja, é aquilo que possibilita aos sujeitos se reinventarem permanente e cotidianamente (Birman, 1996:129).

Enquanto o Eros nos dá a necessidade de completude, a feminilidade nos dá a consciência dessa incompletude original, sendo aquilo que nos projeta na interrogação do futuro, para as lutas da vida, para a consecução motriz da existência, como sugere Birman: *o erotismo humano se funda no desamparo e na feminilidade, por isso devemos reconhecer que somos desamparados por vocação, pois nosso desamparo nos remete permanentemente para o erotismo, num movimento infinitamente marcado pela circularidade* (Birman, 1996:130).

Para melhor argumentar sobre tal conceito que Freud nos traz, ainda pouco discutido e que implica a discussão acerca da oposição homem/mulher, feminino/masculino, dentro/fora, sensível/não-sensível, torna-se necessário penetrar em outra dimensão do conhecimento humano – a Filosofia – para lá buscar o oxigênio indispensável ao debate.

Ainda que sucintamente e de um modo geral, pode-se dizer que a filosofia, até o século XIX, incidiu em subestimar a diferença sexual. Conferindo-lhe desde a Grécia Clássica, importância secundária a diferença sexual não era considerada como essencial para o homem. A alma não era masculina ou feminina. As diferenças naturais entre homens e mulheres eram tratadas no campo da política onde seriam confirmadas, compensadas, ou mesmo entendidas como complementares. O homem era considerado em sua neutralidade, mas esta afirmava a superioridade hierárquica do masculino sobre o feminino.

Além de atentar para o discurso onipotente e naturalizante da diferença sexual e da correspondente neutralidade metafísica do homem, Derrida, em nosso século, resgata - a partir das tentativas de desconstrução do discurso da binaridade sexual - a idéia da *khôra*⁴. E, em Platão, é entendida como *mãe e nutriz*, princípio que pode ser atribuído ao conceito de feminilidade impresso às últimas teorias de Freud.

Derrida, que começa seu percurso filosófico discutindo Husserl, passando por temas relacionados à lingüística, literatura, psicanálise e antropologia, depois da década de 70, se volta para discutir, de modo direto, questões de ordem política e institucionais articuladas aos campos da educação e do feminismo. Suas discussões acabam por levá-lo a afirmar que a metafísica ocidental, em seu afã de eleger um único *logos*, uma presença plena última como algo a que tudo se reduz, uma razão objetiva que rege a linguagem, o mundo e a

⁴ A discussão da *khôra* em Platão corresponde a uma pequena passagem do diálogo *Timeu* que não ultrapassa seu privilegiamento do masculino. Ela não seria nem suprasensível, nem sensível, daí ser dita como um terceiro gênero. Seria o lugar de todas as coisas mas não seria uma coisa, tampouco estaria em um lugar ou em algum momento do tempo. Ela permanece sempre virgem, incólume. Ela não gera e nem destrói. Funciona para Derrida no sentido de desconstruir as dualidades metafísicas, em especial a dualidade sexual. (Rios, 1996)

história, que se destaca e confirma como logocentrismo, sempre foi também um falogocentrismo (Derrida, citado por Rios, 1996:167).

O que estou buscando indicar é que, se binaridade sexual e logocentrismo andam de mãos dadas, desconstruir esse logocentrismo passa também pela desconstrução desta binaridade, tema que liga Derrida à *khôra* de Platão, compreendida por ele como receptáculo das coisas sensíveis e das supra-sensíveis, e não uma coisa ou outra. Seria um terceiro gênero. Não obstante um receptáculo, nada nela deixaria sua marca. Nada a desvirginaria. *Khôra* nem gera nem destrói. Platão a concebe como se as idéias e os ideais a fecundassem e nela e dela surgissem as coisas materiais.

A despeito de todos os questionamentos possíveis das metáforas platônicas, o importante para nosso estudo é destacar que *khôra* não é nem masculina nem feminina, ela é anterior a essa ou a qualquer outra dicotomia. Ela é uma mãe anterior a qualquer possibilidade de pai/mãe, ela é feminina anteriormente à possibilidade masculino e feminino, conforme argumenta Rios, seguindo exemplos de Derrida.

Khôra em Derrida, mulher/homem, mãe/pai, feminino/masculino, funciona para ajudá-lo em suas argumentações visando à desconstrução das dualidades metafísicas e, em especial, da dualidade sexual, deixando evidente sua preocupação com a multiplicidade sexual.

Deleuze, que centra sua atenção sobre o múltiplo e *n* sexos, passa por importante discussão sobre o devir no capítulo *Devir-intenso, Devir-animal, Devir-imperceptível*, em *Mil Platôs*;

nele sua grande preocupação é discutir como se dão as linhas de fuga nesses devires. Continuará com suas argumentações até chegar à questão do devir-mulher, chegando a dizer que os demais devires passam por esse devir nuclear, ou seja, o devir-mulher remete à *khôra*, ao feminino enquanto anterioridade, fora da dualidade sexual ou de gênero.

Tal movimento em Deleuze é realizado em direção contrária à presença inevitável dos dualismos. É equivalente às desconstruções a que quer chegar Derrida, ambos transitando por espaços desterritorializados e arriscados. Paulo Freire não chega a essas construções imaginadas por esses filósofos radicais, não obstante tenha se apropriado deles para identificar em seu pensamento e suas práticas essa responsabilidade com o devir do *eu*, com os devires de todos e as linhas de fuga localizadas nos imediatos possíveis.

Como Foucault, Deleuze e Derrida, Paulo Freire questiona as práticas de dominação, bem como os discursos que se assentam sobre as diferenças, não obstante pouco convergentes com os *scripts* epistemológicos.

Ao se referir à importância da formação adequada do professor, Paulo Freire revela uma exigência primordial, que passa a reforçar os argumentos até aqui apresentados, para a afirmação inicial desta comunicação, ou seja, o entrelaçamento das dimensões do *Eros* e da *feminilidade* em sua obra e pensamento pedagógico seminais, no anseio por um *devir transformado* para o povo que ama, num espaço-tempo em que a liberdade seja uma conquista suprema. Assim nos falou em *Prática à altura do sonho* (Ver.PRavaLER,nº3:7):

(...) eu não joga em nada que não tenha a ver com amor. Sem amorosidade, não só em relação às crianças, mas em relação ao próprio processo de ensinar e aprender, a professora não se justifica em sua prática. (...) É preciso, porém, saber amar. O fato de só amar, não basta. Para amar como educadora você precisa cientificamente saber como amar, saber como você pode fazer-se mais eficaz e tornar seu amor mais eficaz para que ele seja meio de libertação e não prática de opressão.

BIBLIOGRAFIA

- BIRMAN Joel. Erotismo, desamparo e feminilidade: uma leitura psicanalítica sobre a sexualidade. A Sexualidade nas Ciências Humanas. Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998.
- _____. Cartografias do Feminino. São Paulo:Ed.34, 1999.
- _____. Por uma Estilística da Existência. São Paulo:Ed.34, 1996.
- DELEUZE, Gilles. Devir-intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível. Mil Platôs: São Paulo:Ed.34. 1996.
- DERRIDA, Jacques. Khôra. São Paulo, Campinas: Papyrus Editora, 1995
- EIZIRIK,M.F. Movimentos da Subjetividade. Revista Educação, Subjetividade & Poder. V.4 (mar-dez.1997) Porto Alegre. UFRGS/ Ed. Unijuí,1997..
- FREIRE,P. A Educação na Cidade, São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. Política e Educação. São Paulo: Cortez, 1993
- _____. Educação como Prática de Liberdade. Rio de Janeiro.:Paz e Terra, 1987
- _____. Papel da Educação na Humanização . Revista Paz e Terra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- _____. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. Pedagogia da Esperança: um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1992.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I- a vontade de saber, trd. Albuquerque & Guilhon, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988, 7ª
- _____. Em Defesa da Sociedade. São Paulo:Martins Fontes, 1999.
- _____. Préface à la Transgression. Dits et écrits. Paris: Gallimard, 1994, Tomo IV
- RIOS, André Rangel. O Desejo de uma Sexualidade Inumerável. A Sexualidade nas Ciências Humanas.Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998.